

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

AIS
THE

FILOSOFIA E FILOLOGIA, TRAGÉDIA E CATARSE: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche¹

Ernani Chaves

Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará

Resumo: Preterido durante muito tempo e por grande parte dos intérpretes, em favor, especialmente, de Schopenhauer, Wagner ou ainda de Platão, Aristóteles parece não desempenhar nenhum papel importante, estratégico, na formação do pensamento de Nietzsche. O objetivo deste artigo, ao contrário, é mostrar em que medida Aristóteles esteve presente no horizonte filosófico de Nietzsche desde o seu começo. Estranho seria que isso não acontecesse, dado o interesse de Nietzsche pela questão da tragédia e o papel fundamental da Poética nesta discussão. Assim sendo, procuramos reconstruir, nas suas linhas mais gerais, o debate inicial de Nietzsche com Aristóteles, cujas consequências se farão sentir em toda a obra do filósofo alemão.

Palavras-chave: filosofia; filologia; tragédia; catarse.

Abstract: Pretermitted for a long time and by most interpreters, in favor, especially, of Schopenhauer, Wagner or even Plato, Aristotle does not seem to play any important, strategic role, in the formation of Nietzsche's thinking. The purpose of this article, instead, is to show to what extent Aristotle was present in Nietzsche's philosophical horizon since its beginning. Strange it would be if this not happen, given the interest of Nietzsche on the issue of tragedy and the fundamental role of the Poetics in this discussion. Therefore, we intend to rebuild, in its more general lines, the initial debate of Nietzsche with Aristotle, whose consequences will be felt throughout the work of German philosopher.

Keywords: philosophy; philology; tragedy; catharsis.

I

Na severa crítica de Ulrich von Willamowitz-Möllendorf, dirigida contra *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche é acusado de baratear Aristóteles, ao estabelecer

¹ As referências a Nietzsche seguirão o padrão internacionalmente reconhecido, por meio das abreviaturas KSA e KGW (para a edição de bolso e edição completa, ou seja, a que inclui os escritos ditos "filológicos") e KSB (para a correspondência), seguidas dos respectivos complementos (data do fragmento, do curso, da carta, número do volume e da página). Sempre que necessário, refere-se às traduções brasileiras. Os livros da coleção de e sobre Aristóteles citados, pertencentes à Biblioteca Pessoal de Nietzsche, foram consultados na Biblioteca Duquesa Anna Amalia, em Weimar. Agradeço ao CNPq pelo financiamento da viagem à Alemanha, com recursos da Bolsa de Produtividade e a Erdmann Willamowitz-Möllendorf, bibliotecário responsável pelo Acervo Nietzsche, pela atenção e amizade.

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

com o Estagirita uma polêmica apenas implícita, “latente”, e, com isso, de fazer o possível para “evitar a *kátharsis*” (MACHADO, 2005, p. 157, nota 75). Em outras palavras, um dos inúmeros equívocos do livro de Nietzsche, teria sido o de não conceder a Aristóteles a importância que lhe era devida, tendo em vista a questão da qual tratava. É como se Willamowitz perguntasse se era possível escrever um livro sobre o “nascimento da tragédia” sem levar em consideração a *Poética* aristotélica. Era-lhe igualmente incompreensível que Nietzsche pudesse afirmar que nem Aristóteles, nem Lessing, compreenderam a tragédia e, mais ainda, ousasse atribuir a si próprio uma compreensão original e mais acertada da mesma.

Ao mencionar, explicitamente, a questão da catarse, Willamowitz só fazia reiterar a sua importância, a sua centralidade quando se discutia a tragédia, mostrando o quanto a questão dos “efeitos da arte” ainda tinha enorme eco na segunda metade do século XIX. Mas, certamente, o âmago da crítica de Willamowitz era a ausência de “caráter científico” no livro, ou seja, o fato de que Nietzsche, ilustre discípulo de Friedrich Ritschl, famoso pela rigorosa perspectiva metodológica que introduzira nos estudos e pesquisas filológicas da época, não procedia como se esperava de um professor de filologia clássica. A própria acolhida de Ritschl ao livro, como que fazendo eco às palavras de Willamowitz, foi fria, distante, sem nenhum entusiasmo. As inúmeras referências literárias a Goethe e Schiller, a presença marcante da filosofia de Schopenhauer e das concepções estéticas de Richard Wagner, não apenas eram incompatíveis com os padrões acadêmicos da época, mas absolutamente incompreensíveis para os filólogos de qualquer corrente, incluindo o próprio Ritschl, que havia um pouco antes, recomendado enfaticamente a contratação de Nietzsche pela Universidade da Basileia. Willamowitz, que fora também como Nietzsche ex-aluno da prestigiada Escola de Pforta, símbolo da qualidade no ensino fundamental e médio da época, sentia-se então autorizado a exclamar: “Que vergonha faz o senhor Nietzsche a nossa mãe Pforta!”.

Erwin Rohde, um dos grandes amigos de Nietzsche na época da universidade e como ele também filólogo e aluno de Ritschl, se encarregou de dar uma resposta

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

“científica” a Willamowitz². E ele o fez na forma de um longo ensaio, intitulado “Filologia retrógrada”. Após ter chamado a atenção para o fato de que não seriam apenas referências explícitas a Aristóteles, que revelariam a sua presença no livro do amigo, Rohde afirma que Nietzsche preferiu não se agarrar a Aristóteles “como um filho se agarra à saia da mãe” (MACHADO, 2005, p. 121). Esta afirmação, irônica e contundente ao mesmo tempo, nos mostra o quanto Rohde compreendia bem a empreitada de seu amigo como expressão da busca de uma autonomia de pensamento, absolutamente incomparável tendo em vista a sua idade e o tempo de sua atividade como professor recém iniciada na Basileia. Com isso, ele também ressaltava mais um aspecto que tornava o livro de Nietzsche bastante polêmico: não se tratava apenas de colocar em questão os padrões acadêmicos da pesquisa filológica, mas também as hierarquias rígidas que deveriam ligar os jovens aos professores mais velhos, os orientandos aos seus orientadores. Rohde acabava por antever um dos traços que mais iria singularizar a figura e o pensamento de Nietzsche desde então: a sua independência de pensar diante da tradição, das regras estabelecidas, dos valores dominantes.

Por outro lado, entretanto, Rohde ressalta, igualmente com justeza, que a crítica à tradição não significa o seu desconhecimento, o simplesmente virar as costas para ela. Ao contrário, ele procura mostrar que se Nietzsche, no seu livro, se despede de uma determinada perspectiva acadêmica de pesquisa, isso não significa que ele não sabe do que está falando, que ele faz “tabula rasa” da tradição ou de sua própria formação. Ao contrário, coerente com a perspectiva de que a crítica da tradição pressupõe um conhecimento desta e de seu valor, Rohde se refere às dificuldades que a *Poética*, pelo seu caráter fragmentário e inacabado, deixou para os seus intérpretes. Neste ponto, ele toma como referência fundamental o trabalho do filólogo Jacob Bernays, também participante do círculo em torno de Ritschl, cuja interpretação considera como a “única convincente” acerca da *Poética* e, por extensão, do problema da catarse (BERNAYS, ([1857], 1968). A propósito deste problema específico e retomando a interpretação de Bernays, que destacava a ligação entre o Livro VIII da *Política* e a *Poética*, Rohde conclui que Nietzsche teria adotado a mesma solução de Bernays, qual seja, a de que o caminho para a compreensão do conceito de catarse já está definido na *Política*, a partir

² Em carta a Nietzsche, Ritschl censurou severamente a “carta aberta” que Wagner fizera publicar em defesa de Nietzsche, pois Wagner, segundo Ritschl, “pretendia defender uma ciência, da qual nada sabia”. Carta de 02 de julho de 1872 (*Querelle*, 1995, p. 151).

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

do uso que a medicina grega fazia dos procedimentos catárticos, isto é, purificadores, presentes nos rituais religiosos.

Desta perspectiva, Rohde afirma que Aristóteles, na *Política*, ao utilizar um termo médico, transportando-o para a música e, ao mesmo tempo, ao atribuir à tragédia os mesmos efeitos “catárticos” dos “cantos sagrados”, “espera que seus leitores se aproximem destas impressões musicais, a partir de uma disposição de fato *trágica*”. Teríamos assim, uma espécie de efeito catártico em série: no ouvinte dos cantos sagrados e participante dos cultos “entusiasmados”, no espectador das tragédias e, também, no próprio leitor das tragédias³. Com isso, continua Rohde, torna-se compreensível que tanto a música quanto a tragédia possam produzir o mesmo efeito. Esta mesma posição, ele via no livro de Nietzsche. É claro que esta ideia de que as posições de Nietzsche e Bernays coincidem inteiramente é discutível e, no limite, como pretendemos mostrar mais adiante, inadequada aos propósitos de Nietzsche. Assim sendo, temos que ler estas observações de Rohde muito mais como o seu próprio posicionamento a respeito da catarse, do que uma fiel reprodução dos argumentos de Nietzsche em *O Nascimento da tragédia*.

A observação de Rohde, entretanto, de que a presença de um autor num texto não se mede pelo número de citações explícitas a ele é inteiramente verdadeira neste caso. Vale ressaltar mais uma vez que a defesa veemente de Nietzsche feita por Rohde não é obra do acaso: nesses anos, ele não era apenas o amigo mais próximo, o confidente quase exclusivo, como nos mostra a intensa correspondência entre ambos, mas também aquele com quem Nietzsche compartilhava um quase segredo em comum: ambos foram profundamente tocados pela filosofia de Schopenhauer e pela música de Wagner. Não por acaso, igualmente, Rohde também acentua na sua “apologia” do *Nascimento da Tragédia*, a vinculação entre música e tragédia permitida pela interpretação de Bernays, um efeito, mesmo que distante, do seu próprio entusiasmo por Schopenhauer e Wagner. Uma posição à revelia do próprio Bernays, de quem não se poderia chamar de um entusiasta de Wagner, muito menos de Schopenhauer. A insistência, de minha parte, em explicitar a posição de Rohde, que nem sempre é a mesma do próprio Nietzsche, é

³ A análise crítica que Nietzsche faz das transformações sofridas no interior mesmo da linguagem, a partir da introdução da palavra escrita e da figura do leitor (e não mais do ouvinte e do espectador), ainda na Grécia, ultrapassam o âmbito deste artigo. Nesta análise, Aristóteles ocupa um papel central e decisivo, pois a ele devemos a supremacia da escrita sobre a tradição oral. Cf. ainda a respeito, REIBNITZ (1994).

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

porque ela se revela bastante esclarecedora do percurso acadêmico de Nietzsche, que Rohde, ao contrário de Willamowitz, conhecia muito bem. E ele tinha boas razões para afirmar que seu amigo não barateava Aristóteles e, mais ainda, que sua interpretação da catarse inspirava-se em Bernays.

Para corroborar minha afirmação, inicio lembrando uma carta de Nietzsche ao próprio Rohde, escrita de Naumburg, no dia 3 ou 4 de maio de 1868. Para entendermos o conteúdo desta carta, é preciso lembrar que Nietzsche havia decidido, no ano anterior, entusiasmado pelos projetos do chanceler prussiano Bismarck, prestar o serviço militar. No começo de março de 1868, durante um exercício de equitação, Nietzsche sofreu um acidente grave durante um salto com seu cavalo, que lhe deixou prostrado durante mais de dois meses (JANZ, vol.1, p. 202; ANDLER, vol.1, p. 315). É neste diapasão que ele responde a uma carta de Rohde, preocupado com sua saúde e desejando-lhe pronto restabelecimento, dizendo que “ela [a carta] é mais útil do que uma pomada à base de zinco ou um emplastro”, comparando-a, por fim, nos seus efeitos, “a uma intensa e curativa magia, a uma catarse realmente médica das paixões” (KSB, 2, p. 272). Quase nestes mesmos termos, Nietzsche responde a uma carta de Ritschl, que tinha os mesmos objetivos da de Rohde, alguns dias depois, em 12 de maio de 1868: “O melhor resultado continua sendo uma carta tão boa e plena de interesse: o que são emplastro e pomada diante do intenso sentimento de prazer, tal como, p. ex., suas benévolas linhas despertaram em mim. Por isso, receba desta vez meu agradecimento especial por este auxílio quase-médico, sim, por uma momentânea catarse das paixões” (KSB, 2, p. 279).

Estas duas cartas fazem uma referência explícita à interpretação médica de Bernays, na medida em que Nietzsche compara o efeito do interesse de seu amigo e seu mestre por sua saúde ao de uma catarse “realmente médica” (na resposta a Rohde) e “quase médica” (na resposta a Ritschl). Mais ainda: se na carta a Rohde existe uma ligação entre magia e catarse, na carta a Ritschl, a catarse, mesmo que “momentânea”, despertou um sentimento de prazer. Se cruzarmos estas referências, vamos nos deparar com um conjunto de relações e questões que ultrapassam a aparente superficialidade que uma carta de agradecimento pode conter aos olhos do leitor comum. Ora, como se sabe, os envolvidos nesta troca de cartas não eram leitores comuns. Ao contrário, altamente habilitados e capacitados para compreenderem as sutilezas profundas que elas continham. Na carta a Rohde, a ligação entre magia e catarse, nos remete aos aspectos

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

míticos e religiosos da concepção grega de catarse, associada aos rituais de purificação. Na carta a Ritschl, por sua vez, toca-se no problema da relação entre catarse e sentimento de prazer, ou seja, no processo de transformação da dor em prazer, um tema central, posteriormente, no *Nascimento da tragédia*. Mas, nas duas cartas, encontramos a explícita ligação entre catarse e medicina, numa clara ressonância das ideias de Bernays. Assim sendo, rituais de purificação, funções terapêuticas e afetos prazerosos encontram-se reunidos, tendo como pano de fundo, polêmicas bem anteriores e que, no caso da Alemanha, remetem, antes de tudo, à posição de Lessing a favor da concepção de catarse como “purificação” (Reinigung), cujo resultado seria um “melhoramento moral” (LESSING [1767-1769] 2003, 15. Stück, p. 383-387)⁴.

Entretanto, é preciso acentuar, para entendermos o afastamento crítico de Nietzsche em relação a sua própria formação filológica, o seu crescente interesse pela filosofia, ainda nos seus anos de formação universitária. Um interesse bastante fomentado por seu entusiasmo pela filosofia de Schopenhauer. Em carta a Hermann Muschacke, escrita de Leipzig em 11 de junho de 1866, ele diz o seguinte a este respeito: “Mas, nada eu desejaria mais do que poder de novo trocar contigo, pessoalmente e por muito tempo, pensamentos e vivências: pois desde que Schopenhauer nos tirou dos olhos a venda do otimismo, vê-se com mais clareza. A vida se tornou mais interessante, mesmo que também mais feia” (KSB, 2, p. 140). Procurando entender Schopenhauer (sua primeira leitura de *O mundo como vontade e representação* data do final de outubro e começo de novembro de 1865) e querendo compará-lo aos outros pensadores da história da filosofia, Nietzsche lê com intensidade as obras, dentre outros, de Friedrich Albert Lange, Friedrich Überweg e Kuno Fischer. De Lang, a *História do materialismo*, que ele conheceu logo depois de sua publicação, no verão de 1866. Em outra carta a Muschacke, escrita de Leipzig em novembro de 1866, ele expressa toda sua admiração por esta obra: “A mais significativa obra filosófica que foi publicada nos últimos anos é, sem dúvida, a História do materialismo, de Lange, sobre a qual eu poderia escrever muitas folhas de papel. Kant, Schopenhauer e este livro – não preciso de mais nada” (KSB, 2, p.184). De Kuno Fischer, a *História da filosofia moderna*, em especial o terceiro e o quarto volumes, que tratavam da

⁴ Para uma leitura crítica dessas posições, muito especialmente em relação a Bernays, ver HALLIWELL (2003).

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

filosofia de Kant, ajudando-o na leitura da *Crítica da faculdade de julgar*, entre o fim de 1867 e janeiro de 1868. De Friedrich Überweg, o *Compêndio de história da filosofia: de Tales até o presente*, muitas vezes consultado entre 1867 e 1868.

O que poderia unir esses três autores, Lange, Fischer e Überweg, de tal modo que Nietzsche fez deles suas leituras indispensáveis? Poderíamos destacar três aspectos principais para entendermos esta predileção: em primeiro lugar, como frisei acima, a possibilidade de situar Schopenhauer na História da Filosofia, não esquecendo que é por meio dele, principalmente, que Nietzsche vai incluir Kant entre os seus filósofos indispensáveis na época; em segundo lugar, a prática de um kantismo antidogmático, de um “ceticismo sensato” da parte de Lange, no dizer de Curt Paul Janz e, finalmente, o fato de que nesses três livros existe uma ligação clara e importante para seus autores entre a tradição filosófica e os problemas do presente, as questões da própria época; daí as referências frequentes às teorias mais importantes e populares da época, como o darwinismo ou ainda às implicações políticas, que diziam respeito tanto ao desenvolvimento e expansão do capitalismo quanto aos programas socialistas, os quais, por exemplo, tinham a simpatia de Lange, mas eram recebidos com distância por Überweg.

Com isso, podemos compreender, mesmo que parcialmente, porque Nietzsche se sentia cada vez mais seduzido pela filosofia: não se trata de uma sedução por parte de qualquer posição filosófica, mas de um posicionamento específico que esses três autores encarnavam e que, aos seus olhos, se dirigiam no sentido inverso da crescente esterilização dos estudos filológicos, contaminados pelo Historicismo, tal como ele denunciaria alguns anos depois na *Segunda Consideração Extemporânea*. Tratava-se de uma posição filosófica que não fazia do passado nem uma espécie de espelho modelar do presente (a história monumental), muito menos a da fixação do passado numa espécie de “gaiola dourada”, para sempre ser admirado e venerado (a história antiquária), mas que mostrava uma permanente preocupação com o presente, com o entendimento de sua própria época, para o qual a interlocução com o passado é indispensável e necessária. Uma história “crítica”, que não teme confrontar-se com o passado, julgando-o e avaliando-o.

Podemos ver, portanto, que o interesse de Nietzsche pela filosofia ultrapassava em larga medida o interesse que ela poderia despertar nos filólogos em geral. E isso por um

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

motivo muito importante: para Nietzsche, não se tratava apenas da filosofia grega, que também se incluía, ao lado da história da literatura e da cultura greco-romana, como um dos objetos de estudo da Filologia, mas da História da Filosofia como um todo, o que incluía um interesse pelos debates filosóficos da época. É no interior deste quadro, do qual tracei contornos bem gerais, que se situa o claro interesse de Nietzsche por Aristóteles.

II

Este interesse se expressou de diversas maneiras: na forma, por exemplo, de uma conferência proferida na Sociedade Filológica de Leipzig, fundada a partir de uma proposição de Ritschl em dezembro de 1865 e de cujo ato de fundação o próprio Nietzsche participara. A conferência, a terceira de Nietzsche na Sociedade, era dedicada ao problema das fontes da filosofia antiga, em especial as relativas aos índices ou catálogos da obra de Aristóteles, tal como eles nos foram transmitidos pela tradição.⁵ Para tal, o ponto de partida de Nietzsche foi o livro de Valentin Roses sobre Aristóteles, *De Aristotelis Librorum Ordine et Auctoritate*, publicado em 1853. Embora Nietzsche o considerasse mal escrito, o livro de Roses lhe dava muitas sugestões importantes relativas ao seu trabalho sobre Demócrito, então em curso. Além disso, encontram-se ainda conservadas na Biblioteca Particular de Nietzsche três edições de obras de Aristóteles: uma edição com parte da *Retórica*,⁶ uma edição da *Poética*, particularmente sugestiva e importante, pois se trata de uma tradução de Überweg, que contém uma “introdução” e diversas notas do próprio Überweg⁷ e, finalmente, uma edição das obras completas do Estagirita.⁸

⁵ Ver, por exemplo, o catálogo apresentado por Diôgenes Laértios (2008, p. 134-135).

⁶ *Drei Bücher der Redekunst*. Übers. von Adolfo Sthar, Stuttgart, 1862.

⁷ *Über die Dichtkunst*. Übers. von Freidrich Überweg. Berlin, 1869. Na “Introdução”, Überweg sintetiza as questões que mobilizavam os leitores da *Poética* no século XIX: “Aristóteles trata, nas partes conservadas, sobre a poesia em geral e sobre a tragédia e a epopeia em particular; o que ele disse sobre a comédia e outros gêneros, se perdeu. Também no meio das partes ainda existentes se deixam ver muitas lacunas, sejam grandes, sejam pequenas; por outro lado, o texto não está inteiramente livre de acréscimos estranhos e de outras falhas, as quais foram supridas, em grande parte, por uma cuidadosa consideração (Erwägung) da coerência” (p. V). Überweg escreve uma longa nota acerca da questão da “catarse”, criticando Bernays por “inexatidão” e propondo uma outra tradução de catarse, desta feita como “Liberação dos afetos (Befreiung der Affecten)”. (p. 58-59).

⁸ *Werke*. Übers. von Roth, Spengel, Walz Zell, Rieckher, Schnitzer, Kreuz, Külb. Stuttgart, 1833/1860, em 9 volumes.

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

Por outro lado, é particularmente importante ressaltar que a partir de 1869, multiplicam-se as referências a Aristóteles nas diversas anotações de Nietzsche que constituem, hoje, os chamados “fragmentos póstumos”. Estas referências se encontram diretamente relacionadas ao crescente interesse de Nietzsche pelo tema da tragédia. Lembremos, a propósito, que o primeiro fragmento póstumo publicado na edição Colli-Montinari, do outono de 1869, já expressa o debate de Nietzsche com Aristóteles. Este fragmento começa com uma comparação entre Wagner e os três trágicos, Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Nietzsche acentua o fato de que nós só conhecemos os trágicos gregos como “leitores”, ou no original, ou nas traduções. Em outras palavras, nós os transformamos em “literatos”; já não tendo mais a possibilidade de assistir às encenações das tragédias gregas, só nos resta falar delas a partir do texto escrito. Do mesmo modo, diz Nietzsche, poderíamos pensar em alguém que apenas leu o libreto de “Tannhäuser” sem jamais ter visto qualquer encenação desta obra e, mesmo assim, falasse sobre ela (KSA, 7, p. 9).

Esta constatação é o ensejo, a partir de uma primeira caracterização do nascimento da tragédia a partir dos festivais orgiásticos em honra a Dionísio, para a crítica de Nietzsche à ópera moderna, ao considerá-la apenas uma “caricatura” da tragédia grega. Ao mesmo tempo, ele aproxima Wagner dos grandes trágicos, compreendendo a sua obra não mais como “ópera”, mas como “drama musical”. Como consequência disso, Nietzsche passa a colocar em primeiro plano as raízes musicais e populares da tragédia grega. Estas raízes foram, no decorrer da história, cada vez mais amputadas, até desaparecerem completamente, tal como mostra o surgimento do drama francês do século XVII, assim como o teatro alemão após a Reforma: em vez das “raízes de uma arte inconsciente, crescendo da vida do povo”, encontramos a “erudição, o conhecimento consciente e demasiado conhecimento”.

Uma leitura mais atenta deste primeiro fragmento nos conduz a um ponto de partida inteiramente antiaristotélico. Trata-se de questionar a ideia, presente na *Poética* (VI, 39), de que embora sendo o “mais emocionante”, o espetáculo cênico “é o menos artístico e menos próprio à poesia”, de tal modo que os efeitos da tragédia (catárticos, evidentemente) podem se manifestar “mesmo sem representação e sem atores”; por outro lado, continua Aristóteles, “o bom espetáculo mais depende do cenógrafo que do poeta”.

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

A crítica de Nietzsche, entretanto, só ficaria suficientemente clara, alguns anos depois, nas preleções acerca da “História da Literatura Grega”, proferidas na Universidade da Basileia, no semestre de inverno de 1875-1876 e que foram interrompidas, ainda em janeiro, devido ao seu estado de saúde (KGW, II-5). Nestas preleções, Nietzsche parte do princípio de que o conceito moderno de “literatura” não é aplicável à experiência grega, pois pressupõe tanto do ponto de vista da produção quanto da recepção, a existência de um texto escrito, de uma “literalização”, diz Nietzsche, do que era, originariamente, um texto concebido como “Sprachkunstwerden”, ou seja, como o “tornar o falado arte” (KGW, II-5, p. 7). No texto grego, a “narrativa oral” (Mündlichkeit) lhe era constitutiva: seja na forma de uma aula ou de uma introdução a um assunto ou temas específicos, este texto pressupunha, necessariamente, um público próprio, diante do qual o “tornar o falado arte” se concretizava.

Assim sendo, na experiência grega, entre autor, texto e público se formava uma direta comunicação cultural que foi interrompida com a amputação da “oralidade” em prol do privilégio do texto escrito. Uma “literatura clássica” não significa, para Nietzsche, ao contrário do cânone de sua época, aquela cujo autor se tornava um modelo para outros autores e cujo alvo principal era a “formação” de leitores: “A literatura clássica dos gregos não surgiu tendo em vista o leitor: é isto o que lhe é mais específico”. Nesta perspectiva, a literatura clássica dos gregos não era texto, mas acontecimento, encenação, “pensada como a arte do mimo, para o momento, para o ouvinte e espectador presentes”. Ela pressupunha ainda um “acoplamento das artes”, em especial “as da ação e da declamação, mas também música, canto, orquestração”.

Ora, será justamente Aristóteles o introdutor desta ruptura entre literatura e oralidade. Recorrendo a uma passagem da *Retórica*, escreve Nietzsche: “Na época de Aristóteles há, pela primeira vez, escritor para leitor. Rhet. III. 12”.⁹ Nesta época, a do século IV a.C., ocorre uma mudança de paradigma, poderíamos dizer, que Nietzsche caracterizará desde a preparação ao *Nascimento da Tragédia*, com o conceito de “época alexandrina”. Ele não economiza as análises históricas: na passagem do século V. ao

⁹ “A elocução escrita é a mais precisa. A dos debates se presta melhor à ação. Esta última é de duas espécies: é moral e é patética. Também os atores procuram um e outro destes caracteres nos dramas e os poetas nos seus intérpretes. Aqueles cujas obras se prestam à leitura, têm um renome conservado” (ARISTÓTELES, 1991, Livro III, p. 345-346).

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

século IV a.C., ocorre uma “panhelenização” da língua grega, concomitante ao desenvolvimento de uma aristocracia erudita na região de influência dos sofistas imigrantes e com o fato do Estado assumir para si o papel de formador de um público de leitores. A este público de leitores corresponde, por sua vez, o aparecimento de um novo “tipo”, o “literato”, o “escritor em prosa”. Assim sendo, ao mesmo tempo em que o “tornar o falado arte” dá lugar à “literatura para ler”, a poesia cede seus privilégios formativos à prosa. Neste diapasão, escreve Nietzsche: “Escrever é uma característica essencial do prosador, que trabalha para leitores; não para o poeta, que pensa nos ouvintes”. Mais adiante, ele inclui na sua crítica, sem o dizer explicitamente, a figura do filósofo: “Quanto mais cresce o prazer no lógico, no científico, mais o escrito é respeitado, como o instrumento para isso”. Ora, para Nietzsche, a *Poética* é o documento e o produto mais eloquente desta mudança de paradigma.

Nestas “Preleções”, entretanto, Nietzsche não está formulando pela primeira vez um conjunto de questões tendo em seu horizonte a filosofia de Aristóteles. Ao contrário, está retomando problemas e questões que lhe inquietavam desde sua época de estudante, em Leipzig. Em um dos apontamentos desta época, por exemplo, ele reclama que “ainda não se pensou em uma crítica da *Poética* aristotélica”. E já em um pequeno texto, “Os três trágicos gregos”, colocava Ésquilo como o mais importante deles, ao contrário de Aristóteles que preferia Eurípedes. Quanto mais nos aproximamos da redação de *O nascimento da tragédia*, mais as referências a Aristóteles se tornam frequentes. Nesta perspectiva, Thomas H. Brobjer (2008, p. 51), ao analisar as leituras de Nietzsche no período imediatamente anterior à redação de *O nascimento da tragédia*, distingue duas direções dessas leituras: a primeira, volta-se para aspectos gerais da tragédia, em especial acerca de seu significado estético, destacando-se, entre outras, as leituras de Friedrich Schlegel, Karl Oto Müller, Graf Paul von Wartenburg, Schiller, Friedrich Theodor Vischer, Alberi e Grote; a segunda, por sua vez, era inteiramente dedicada à *Poética* aristotélica, em especial a Gustav Teichmüller (catedrático de Filosofia na Universidade da Basileia entre 1868 e 1871), o já citado Jacob Bernays, Rudolph Eucken (o substituto de Teichmüller na cátedra de filosofia, para a qual o próprio Nietzsche se candidatara), Leonard Spengel (filólogo que se confrontará com Bernays, a favor de Lessing) e Reikens. Percorramos um pouco estas referências a Aristóteles nos fragmentos póstumos do período.

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

Nas planejadas e nunca escritas “Considerações sobre os antigos”, ainda no outono de 1869, a primeira seria sobre “A estética de Aristóteles” (KSA, 7, p. 43). Repetindo, no fragmento imediatamente posterior, uma série de temas para as suas “Considerações”, bastante alterada em relação à anterior tanto no que diz respeito à quantidade quanto aos títulos, “A estética de Aristóteles” continua presente (KSA, 7, p. 44). Entre os fragmentos de setembro de 1870 a janeiro de 1871, o mesmo título volta a aparecer (KSA, 7, p. 128), desta feita numa sequência que finaliza um conjunto de fragmentos onde se multiplicam temas e assuntos, alguns deles reunidos em pelo menos dois diferentes títulos para o planejado livro sobre a tragédia: “O homem trágico” (KSA, 7, p.114) e “A tragédia e a serenidade gregas” (KSA, 7, p.126). Entretanto, num fragmento do inverno de 1870-71, este mesmo título se encontra posicionado na “Introdução” do sempre planejado livro sobre a tragédia grega. Esta “Introdução” comportaria três subtítulos, exatamente nesta ordem: “A estética de Aristóteles”, “Ingênuo e sentimental em Schiller” e “O Homero de Goethe” (KSA,7, p.223).

Em meio a este interesse por Aristóteles, Nietzsche empresta na Biblioteca da Universidade da Basileia, exatamente no dia 12 de maio de 1870 o primeiro volume do livro de Gustav Teichmüller, *Aristotelische Forschungen* (“Pesquisas aristotélicas”) que havia sido editado em Halle, em 1867 (CRESCENZI, 1994, p. 400). Sua ligação com Teichmüller, então professor de Filosofia na Basileia, se deu mais no campo das ideias do que no campo pessoal (ao contrário de Franz Overbeck, que reuniu até o final de sua vida as duas condições) e é a mais importante, nesta época, quando se trata de Aristóteles. Em 1869, Nietzsche leu o segundo volume das *Pesquisas aristotélicas*, intitulado “A filosofia aristotélica da arte” (também publicado neste mesmo ano de 1869).¹⁰ Além disso, conforme ainda assinala Thomas H. Brobjer, ambos estiveram presentes no Congresso de Filologia ocorrido em Halle, em outubro de 1867, no qual Teichmüller proferiu a conferência “A doutrina de Aristóteles sobre a diferença entre epos e tragédia”. Com o próprio Rudolf Eucken, que o venceu na disputa pela cátedra de filosofia, Nietzsche conversou bastante sobre a importância de Aristóteles para os

¹⁰ Na “Introdução”, Teichmüller, da mesma forma que Überweg, expõe os motivos de seu interesse pela “filosofia da arte” em Aristóteles, tendo como pano de fundo as polêmicas da época: “Mas, porque nos últimos tempos, a Poética de Aristóteles foi tratada de maneira extraordinária por filólogos e filósofos tão importantes, me pareceu oportuno realizar uma pesquisa filológico-crítica da apresentação sistemática da filosofia aristotélica da arte” (TEICHMÜLLER, 1867, Band 1, p. VI).

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

tempos modernos.¹¹ Estas leituras e conversas mereceriam um estudo à parte. Importa apenas assinalar, por ora, que Nietzsche se distanciou, neste momento, de um aspecto fundamental da leitura que Teichmüller fazia de Aristóteles, qual seja, a ideia de que a analogia entre belo e organismo na *Poética* (VII, 44) era a via aberta para que pudessemos compreender a noção de “ser da poesia” em Aristóteles (TEICHMÜLLER, 1869, Band 2, p. 139), do mesmo modo que não concordava com a tentativa de “reconciliação” entre o sentido ético da catarse (na descendência de Lessing e defendida por Leonhard Spengel em famosa carta a Bernays) e a posição contrária, a de Bernays (para quem a interpretação médica da catarse excluía conotações morais), proposta por Teichmüller (1867, Band 1, p. XIV).

Colocar “A estética de Aristóteles” como um dos subtítulos desta “Introdução” parece, de fato, bastante geral, ou ainda apenas um indicativo que teria pouco significado, diante do fato de que a “Introdução”, tal como planejada, parece não ter sido jamais escrita. Entretanto, para os objetivos deste artigo, faz-se importante observar que num fragmento anterior, de, pelo menos um ano antes, do inverno de 1869-1870, Nietzsche, mais uma vez, posiciona a estética de Aristóteles como seu ponto de partida. E, desta feita, não de uma maneira geral, mas a partir de duas questões específicas: 1) a das diferenças entre drama antigo e moderno, e 2) a do papel da interpretação de Bernays. O fragmento diz o seguinte: “I. O drama antigo e o moderno. Oposição fundamental entre sofrer e agir; ali, origem a partir da lírica, aqui, a partir do épico. Ali, palavra, aqui, jogo amoroso. Partir talvez da definição aristotélica (Bernays)” (KSA, 7, p.71).

Esta dupla referência, a Aristóteles e à interpretação de Bernays, ganha todo seu significado num outro fragmento, um ano depois, ou seja, entre o final de 1870 e abril de 1871 e o outono de 1871. Na mesma época, Nietzsche lia o conhecido artigo de Bernays sobre Aristóteles, emprestado da Biblioteca da Universidade da Basileia.¹²

¹¹ Rudolf Eucken escreveu o livro *Die Methode der Aristotelischen Forschung in ihrem Zusammenhang mit den philosophischen Grundprincipien des Aristoteles*, publicado em Berlim, em 1872. A proximidade teórica e pessoal entre Teichmüller e Eucken foi decisiva para a escolha deste para substituir aquele. Procedimento absolutamente comum à época. Nietzsche não podia reclamar: estes mesmos critérios (relação pessoal e afinidade teórica) foram decisivos para Ritschl escolhê-lo para o cargo de professor de Filologia na Basileia.

¹² O empréstimo foi feito em 09.05.1871. Neste mesmo dia Nietzsche emprestou outro livro de Bernays, aquele sobre Scaliger, que havia sido publicado em Berlim, em 1855. (CRESCENZI, 1994 p. 406).

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

Neste fragmento, ele faz um esboço sobre a questão do trágico, enumerando uma série de questões, que precisam ser reproduzidas integralmente aqui:

“O trágico.

Musas em Aristóteles Política e Ética. Olimpos na Política de Aristóteles.

‘Mímica’ contra Aristóteles.

Surgimento do mito.

Homero, o poeta épico como artista apolíneo.

A música dionisiaca (Aristóteles sobre o orgiasmo).

O herói “nem inteiramente bom, nem inteiramente mau” como espelho da dor originária e da ilusão.

Visão de mundo do poeta épico e do trágico.

Ensaio conclusivo: educação para o trágico e para a arte.

O ditirambo.

Sobre Richard Wagner e a iminente apresentação de Beethoven.” (KSA, 7, p.196).

Como vimos, temos aqui inúmeras referências a Aristóteles, desta feita, incluindo não apenas os campos da poética e da política, mas também o da ética. Partamos da referência a Olimpos. Como sabemos, Olimpos era um músico frígio do século VIII a.C., considerado o inventor da harmonia, não no sentido moderno de harmonia, qual seja, o do acordo entre os inúmeros sons simultâneos, mas no sentido pitagórico, como o acordo de uma lira, segundo os diferentes modos da música antiga. Nietzsche alude aqui ao capítulo V do Livro VIII da *Política*, de Aristóteles, referência fundamental da interpretação de Bernays. Neste capítulo, Aristóteles evoca as melodias de Olimpos, “que nos encham realmente a alma de entusiasmo”. O “entusiasmo”, por sua vez, é considerado “uma emoção da parte ética da alma”, pois a música não diz respeito apenas ao prazer e ao divertimento, mas produz igualmente “um certo efeito moral na alma” (ARISTÓTELES, 1997, p. 276-7; 2001, p. 379-380). Contrariamente aos objetos que afetam o tato e o paladar, que nada dizem sobre as “disposições éticas” e aos que se referem à visão, que pouco dizem sobre as normas morais, as melodias e os ritmos são “verdadeiras imitações de afecções de caráter – assim, pela música se pode educar e formar belas almas”. Com isso, fica claro aos olhos de Nietzsche, que a música dionisiaca possui, para Aristóteles, um significado inferior às melodias educativas.

Em outros momentos de sua obra, Nietzsche retoma criticamente esta posição de Aristóteles. Neste momento, época de gestação de seu primeiro livro, a estética de Aristóteles aparece, portanto, como uma estética do *ethos*, mesmo que isso se deva muito mais às diversas interpretações da *Poética* ao longo da história de sua recepção.

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

Nietzsche, em geral, não distingue Aristóteles desta história da recepção da obra aristotélica. Ao contrário, o coloca no início de uma tradição que atingirá seu ápice no pessimismo de Schopenhauer. É importante por ora, entretanto ressaltar, que ao considerar a estética aristotélica muito mais próxima de uma estética do *ethos* (Nietzsche tem como referência o caráter educativo das melodias), ele a situa na mesma linhagem de Sócrates, por subordinar a arte à moral. Desse modo, se tanto para Aristóteles quanto para Schopenhauer e Nietzsche posteriormente, a música tem um significado especial no conjunto das artes, o sentido deste significado é bem distinto: para Aristóteles, ele é fundamentalmente ético; para Schopenhauer e Nietzsche, metafísico.

Um último fragmento deve ainda reter nossa atenção. Trata-se de um fragmento escrito no contexto da tentativa de Nietzsche de escrever um drama, uma tragédia, cujo tema seria a vida de Empédocles. Este fragmento pode ser datado do período do inverno de 1870-71. Segundo Janz, ele teria sido escrito um pouco depois do dia 22 de setembro de 1870, em Naumburg, quando Nietzsche esboçou o tema de um livro que seria intitulado “A tragédia e os livre pensadores” (JANZ, 1981, p. 98). O esboço deste drama sobre a vida de Empédocles já foi objeto de diversas interpretações que, no geral, procuram estabelecer as semelhanças e diferenças entre este projeto, que permaneceu inacabado e o *Zarathustra*. É importante observar também que a perspectiva de Nietzsche ultrapassou aquela do belo fragmento de Hölderlin sobre o mesmo tema, inclusive pela introdução de uma personagem, “Corina”, ausente em Hölderlin, a qual ao lado de “Pausânias” formava o par dos “amados” por Empédocles. O certo é que Nietzsche foi fascinado pela vida de Empédocles, por esta mistura de mago e cientista, que escolhe a morte voluntária por motivos bem diversos dos de Sócrates.¹³ Numa série de fragmentos, Nietzsche esboça o seu drama. Neste esboço, o tema do contágio, da contaminação pela peste (que lembra, é claro, o *Édipo*, de Sófocles) é evocado em estreita relação com o medo (Furcht) e a compaixão (Mitleid), para os quais a tragédia é o antídoto (KSA, 7, p. 233). Aquilo que contagia é justamente o medo e a compaixão. É por estar frequentemente contagiado pela compaixão, que Empédocles quer morrer, é por isso que ele não suporta mais a existência (KSA, 7, p.234). Este, aliás, deveria ser o

¹³ A fonte primeira de Nietzsche para a vida de Empédocles é Diôgenes Laértios (2008, p. 240-246).

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

tema do quarto ato deste drama inacabado: o aumento da compaixão e os planos de morte do protagonista (KSA, 7, p. 235).

Nestas rápidas anotações, Nietzsche não só contesta a posição de Schopenhauer a propósito da moral da compaixão e da tragédia como resignação, mas igualmente, e aqui de acordo com a tradição aristotélica, considera que o verdadeiro contágio advém, justamente, do medo e da compaixão. É contra este contágio que ele coloca a tragédia como um antídoto, um *Gegenmittel*. E, neste ponto, ele se afasta da tradição aristotélica: a tragédia não nos libera, mesmo que provisoriamente, do medo e da compaixão, ao contrário, como um antídoto, uma espécie de vacina, ela impede a contaminação pelo medo e pela compaixão. Como podemos ver, a expressão utilizada por Nietzsche, “antídoto”, evoca imediatamente o vocabulário médico, base da interpretação de Bernays. Isso quer dizer que se considerarmos *O Nascimento da tragédia* como uma posição antiaristotélica então podemos entender porque, apesar da distância de Nietzsche em relação a Bernays, ele sempre mantém o vocabulário médico, o qual permanecerá, tal como em Bernays, como um “antídoto” sempre pronto a ser utilizado contra as interpretações moralizantes da catarse.

Há, portanto, uma intensa ocupação de Nietzsche com Aristóteles desde sua época de estudante, ocupação intensificada nos anos que antecedem a redação de seu primeiro grande livro. Em especial, evidentemente, com a *Poética*, tendo em vista a incessante discussão provocada pelo escrito de Aristóteles desde a Renascença. Nisto se inclui, especialmente, a discussão sobre a catarse, que como um fantasma, permeia todas estas considerações, as quais são decisivas neste período em que Nietzsche está abrindo caminho para seu próprio pensamento.

Referências Bibliográficas

- ANDLER, Charles (1955). *Nietzsche, sa vie, sa pensée*. Paris: Gallimard. Vol.1.
ARISTOTE (1991). *Rhétorique*. Paris: Librairie Générale Française.
ARISTOTELES (1862). *Drei Bücher der Redekunst*. Übers. von Adolfo Sthar, Stuttgart.
ARISTOTELES (1869). *Über die Dichtkunst*. Übers. von Friedrich Überweg. Berlin.

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

- ARISTOTELES (1833/1860). *Werke*. Übers. von Roth, Spengel, Walz Zell, Rieckher, Schnitzer, Kreuz, Külb. Stuttgart.
- ARISTÓTELES (1997). *Política*. Tradução de Mário da Gama Kury. 3ª edição. Brasília: Editora da UNB. Aristoteles,
- _____ (2001). *Politik*. Übersetzt und Hergesgeben von Franz F. Schwarz. Stuttgart: Reclam.
- _____ (1978). *Poética*. Tradução e Notas de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural.
- BERNAYS, Jacob ([1857] 1968). *Grundzüge der verlorenen Abhandlung des Aristoteles über Wirkung der Tragödie*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- BROBJER, Thomas H. (2008). *Nietzsche's philosophical context: an intellectual biography*. Illinois: University of Illinois.
- CRESCENZI, Lucas (1994). "Verzeichnis der von Nietzsche aus der Universitätsbibliothek in Basel entliehenen Bücher (1869-1879)". In: *Nietzsche Studien*, Berlin/New York, Band 23.
- DIÓGENES LAÉRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury, 2ª edição, Brasília: Editora da UNB, 2008.
- HALLIWELL, Stephen (2003). "La psychologie morale de la *catharsis*. Un essai de reconstruction". In: *Les Études Philosophiques*. Paris: PUF.
- JANZ, Curt Paul (1981). *Friedrich Nietzsche*. Madrid: Alianza Editorial, volume 2.
- LESSING, Gotthold Ephraim ([1776-1779] 2003). *Hamburgische Dramaturgie*. Stuttgart, Reclam.
- MACHADO, Roberto (Org.) (2005). *Nietzsche e a polêmica sobre O Nascimento da Tragédia*. Tradução e Notas de Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- NIETZSCHE, Friedrich (1988). *Kritische Studienausgabe*. Herausgg. von Giorgio Colli und Mazino Montinari. Berlin/München/New York.
- _____ (1986). *Kritische Sämtliche Briefe*. Berlin/München/New York.
- _____ (1995). *Kritische Gesammelte Ausgabe*. Herausgg. von Giorgio Colli und Mazino Montinari. Berlin/München/New York.
- QUERELLE autor de *La naissance de la tragédie* (1995). Paris: Vrin.
- REIBNITZ, Barbara von (1994). "Vom 'Sprachkunst' zur 'Leselitteratur'. Nietzsches Blick auf die griechische Literaturgeschichte als Gegenentwurf zur aristotelischen Poetik". In: *Centauren-Geburt*. Wissenschaft, Kunst und Philosophie beim jungen Nietzsche. Berlin/München/New York: Walter de Gruyter.
- TEICHMÜLLER, Gustav (1867). *Aristothelische Forschungen*. Halle: Verlag von G. Emil Barthel, Band 1.

Chaves, Ernani

Filosofia e Filologia, Tragédia e Catarse: sobre a presença de Aristóteles na formação do pensamento de Nietzsche

_____ (1869). *Aristothelische Forschungen*. Halle: Verlag von G.
Emil Barthel, Band 2.

[Recebido em junho de 2012; aceito em junho 2012.]